

A dit-femme do analista

Cecilia Domijan

Relendo a intervenção de Lacan no Congresso da Escola Freudiana de Paris em La Grande Motte, na conclusão dos grupos de trabalho, gostaria de me deter em algumas de suas declarações sobre a beira do buraco. É assim:

O que eu penso é que, na verdade, se existe um buraco, é o buraco onde todos nós estamos girando simplesmente porque habitamos a linguagem. [...] a situação é esta: se eu me agarro a uma beira que é a da lógica, é certamente porque é a beira do buraco. Agarrando-se como uma base, como uma rampa para não ser varrido no turbilhão¹.

Lacan, nos anos 70, produz uma nova virada em seu ensinamento, traçada pela apresentação e manipulação do nó. Refere-se à *Urverdrängung* como um vazio giratório. Na verdade, sua tentativa é abordar o recalque original a partir da topologia do nó, partindo de uma reflexão sobre o problema do vazio. Mas não é um vazio estático, central, à maneira do *Logos*, mas, pelo contrário, é um vazio em ação.

Naturalmente, tal postulado é impossível de representar: alguém pode imaginar um vazio em movimento? Acredito que o turbilhão oferece o suporte imaginário que falta a Lacan.

Ao propô-lo, ele evoca um evento que ocupou o pensamento grego. Sua origem incerta, sua violência devastadora, ofereceu aos gregos material para pesquisa e, sobretudo, para a especulação discursiva. De fato, o turbilhão cria um buraco por seu próprio movimento. Seu centro giratório se move, absorvendo o que encontra em seu caminho. Em sua insurgência, não obedece à lei da gravidade, mas a desafia.

Na intervenção em questão, Lacan nomeia a invenção, a invenção de Freud como o buraco que ele conseguiu fazer no mundo. Ele afirma que os analistas a seu lado não se deram conta de seu alcance. Eles não prestaram atenção no grande vazio que Freud soube

¹ “La situation est celle-ci: si je me retiens à un bord qui est celui de la logique, c’est parce que c’est proprement le bord du trou. Se rattraper comme point d’appui, comme rampe pour ne pas être entraîné dans le tourbillon” em Lacan, J. “Intervention de Lacan, Congrès de l’École Freudienne de Paris La Grande Motte”, 4 de novembro de 1973, website ELP, seção *Pas-tout Lacan*, tradução própria.

produzir ao perfurar a cultura. Por isso foram engolidos pelo redemoinho. Lacan não os reconhece nenhuma subsistência na sua produção.

Voltando à citação acima, quero sublinhar esta idéia que me parece surpreendente. Se, como Lacan indica, nós estamos girando simplesmente porque habitamos a linguagem, então isto significa que agarrar-se à beira é a única maneira de evitar ser engolido. A partir daqui: o que o turbilhão implica na prática analítica? Que conseqüências tem para o trabalho com os analisantes?

Na minha opinião, é necessário apontar o que acontece com a linguagem numa análise. O buraco gira e engole naquele tempo preciso quando o sentido termina, quando as respostas não são suficientes. É o tempo do *trauma da língua*², ou seja, o tempo da agitação do real que implica o encontro do sujeito com a ausência de sentido, o momento em que o sentido não responde à realidade factual em que acreditamos viver.

Ali, não se sabe o que fazer. O trauma da língua toca o estatuto do real: não há relação sexual. O sujeito procura apegar-se a qualquer coisa que o leve a algum significado.

Portanto, o que Lacan aponta é que, na contingência daquele instante, não há outra mais que *inventar*³.

Quero sublinhar que não se inventa em qualquer momento e muito menos porque se o propõe, mas quando a linguagem dá o seu traumático, o seu contra-ataque. É um tempo de incerteza, urgência e emergência, não sem angústia. Se inventa em urgência, não em calma. Por esta razão, inventar nunca poderia ser uma proposta ou uma convocação, não vale a pena exortar os analistas a inventar ou reinventar, uma vez que Lacan colocou lá, o turbilhão. Não é possível antecipar, nem saber, nem tirar proveito disso. Isto é tão verdadeiro para a clínica quanto para a política.

Lembro-me de uma jovem mulher em análise. Olhando para a adolescência, ela conta de um encontro com um rapaz. Entre risos e lágrimas, ela diz: "O quê? Dizemos que nos amamos e ainda não somos namorado e namorada? O que significa ser namorado e namorada?".

É uma pequena discordância, um lampejo fugaz onde a linguagem não é suficiente para nomeá-lo. Como pode ser? O que está agitando fora do repertório? Como nomear o que o redemoinho lançou? O novo nome, aquele que não entra nem no dicionário, nem no código, visualiza o movimento do turbilhão, visualiza a vertigem que ele produz, toda vez que o sujeito olha para o abismo. Assim, na minha opinião, inventar significa agarrar-se a

² Cf. Lacan, J. (inédito) "7 de abril de 1965" no Seminário XII, Problemas Cruciais da Psicanálise (1964-65), inédito, tradução própria; e Cecilia Domijan "La facticidad en la lengua", em <https://encuentroclinicolacaniano.com.ar>.

³ Cf. "...todos nós sabemos porque todos nós inventamos um truque para encher o buraco [trou] no Real. Onde não há relação sexual, ele produz troumatismo: inventa-se. Inventar-se o que se pode, é claro". Lacan, J. (inédito) "19 de fevereiro de 1974" no Seminário XXI, Les Non-Dupes Errent... (1973-74), inédito, tradução própria.

uma beira, agarrar-se para não cair, ou seja, passar da *lalingua* à lógica. Implica fazer com trauma, elaborar um saber.

A sexualização, no entanto, escreve que não há saber sobre sexo. É por isso que as fórmulas da sexualização são propostas como uma lógica para explicar a invenção, elas questionam a universalidade do gozo fálico, o centralismo do *Logos* e a identidade sexual. Os mesmos, altamente clínicos, altamente políticos, escrevem o caminho para chegar a outro gozo, chamado *hetero* que não é sem o fálico. É precisamente pelo *hetero* que a lógica pode se tornar profundamente perturbadora. Ela perfura o saber porque o turbilhão da invenção cria um nome estranho ao *Logos*.

O importante, pelo menos para mim, é sublinhar nestas notas que somente pelo turbilhão freudiano, um novo nome poderia ser lançado ao mundo. Em contingência. Lá o analista e o analisado são surpreendidos juntos. Eles abandonam, finalmente, o seu traje aristotélico. Ainda que seja só por alguns momentos.

No Seminário XX, *Encore*, (1972-73) sobre o tema do outro gozo, Lacan nomeia a *dit-femme*, homofonia em francês. Ouvimos "difamação" e, em simultâneo, "falar de/dito-mulher". Naturalmente, não se trata de dizeres femininos, mas implica que, na passagem do dizer para o dizer do analisante, a palavra poderia ressoar outro gozo do que o fálico, embora não sem ele. O *dit-femme* dá conta de um gozo falado e difamatório perfurado por outra forma de dizer.

Para concluir. Paul Celan, o poeta romeno, exilado e perseguido pelos nazistas, que tinha uma relação opaca com Heidegger, chamou a linguagem como a "grelha de linguagem" e, ao fazê-lo, deu um golpe no banimento e deportação de corpos. Esta luva, lançada ao mundo, é, na minha opinião, a que Freud pega quando postula a *Urverdrängung*. O recalque original fala do abismo que o poeta conjuga na chave do exílio, não de um país, mas da sua própria língua, erroneamente chamada de sua língua materna.

Não falam de outra coisa a guerra e a corrida armamentista? Qual é o buraco a ser tapado com tal massacre? O turbilhão é insurgente e não há maneira de não ser varrido por ele. Certamente não é o turbilhão que faz um buraco freudiano, aquele que lança novos nomes no mundo, mas aquele que se rebela como resultado da ciência associada às economias de mercado.

A *dit-femme*, apenas audível, apenas homofônica, toca esta cerca, toca este limite intransponível, colocando o analista diante de alguma invenção do turbilhão. De fato, não há relação sexual, diz o apotegma. O sexo não pode se tornar gênero, assim como o *Logos* não pode essencializar o ser falante, e tudo pela entrada do sujeito na linguagem. Homem-Mulher. Estes bastiões da humanidade não são suficientes para fazer do sexo o ato em questão.

É por isso que seguimos o exemplo de Lacan, que se permite ser absorvido pelo buraco de turbilhão que Freud soube fazer. Para o analista, absorvendo-se, não sem os outros, fazendo-se objeto de sua própria turbulência, cede ao sujeito a responsabilidade por seu desejo.